

Credores ignoram o que o Brasil lhes pedirá

JORNAL DO BRASIL

Roberto Garcia
Correspondente

PUL EXT 23 JAN 1987

Washington — Impressionados com as proporções da vitória conseguida pelo Brasil no Clube de Paris nesta semana, diretores de alguns dos grandes bancos privados credores do país não sabem ainda calcular seus efeitos sobre as negociações que o governo Sarney abrirá brevemente com eles. Já que conseguiu bastante dos governos a quem devia, talvez o Brasil não precise tanto de novos empréstimos dos bancos privados, comentou um banqueiro.

Altos funcionários de vários bancos disseram ontem, contudo, que ainda não receberam uma lista definitiva das pretenções brasileiras. "Para falar francamente, não sabemos quando o governo Sarney quer começar as negociações, quanto deseja de dinheiro novo, se está planejando um reescalonamento a curto prazo, como no ano passado, ou se vai tentar conseguir um acordo plurianual", afirmou um deles.

Em contatos mantidos com alguns bancos na semana passada, o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, teria sido

deliberadamente vago em relação a todos esses itens. Nessa ocasião, ele teria mencionado uma cifra próxima aos 3 bilhões de dólares como necessária em novos empréstimos, em 1987. Mas no Brasil o ministro da Fazenda, Dílson Funaro, falou em 4 bilhões de dólares.

Bankeiros de Nova Iorque consideram normal essa indefinição. "Sarney só vai despachar seus representantes para cá quando souber o que vai fazer com a economia neste ano. Ele sabe que os bancos não vão negociar seriamente enquanto não virem um plano razoável de combate à inflação, de contenção do déficit público e de investimentos prioritários. É claro que também precisamos estar seguros de que a palavra da equipe econômica é para valer.

Enquanto houver boatos de que esse pessoal ou parte dele vai ser trocado, ninguém vai dar atenção a eles", afirmou um banqueiro.

Não só bancos privados estão em busca de sinais mais claros do Brasil. Uma equipe do Banco Mundial está esperando que o debate atualmente em andamento entre o governo Sarney, governadores, empresários e sindicatos seja concluído para poder fazer recomendações sobre financiamento de projetos brasileiros. Essa instituição internacional de financiamento poderá contribuir entre 1,5 e 2 bilhões de dólares de empréstimos novos em 1987.

A busca de consenso nacional para a política econômica, em que está empenhado o governo, é considerada saudável tanto pelos bancos privados quanto por organismos internacionais de financiamento. Se esse consenso for conseguido, seria possível maior estabilidade e previsibilidade na execução do programa econômico brasileiro, raciocina o porta-voz de um banco.

As dificuldades implícitas do diálogo com as várias forças políticas brasileiras não são minimizadas em Washington ou Nova Iorque, contudo. Enquanto a discussão continua, há grande preocupação entre os credores com a velocidade que a inflação está adquirindo. Se não tomarem cuidado, todos os avanços conseguidos no ano passado nessa frente vão se esfumaçar e aí uma negociação já cheia de aspectos complicados ficará ainda mais difícil, assevera um funcionário do Banco Mundial.